

Efeitos de uma Proposta de Consultoria Colaborativa na Perspectiva dos Professores

▸ Andréa Carla Machado *

▸ Maria Amélia Almeida **

Resumo

O objetivo desse estudo foi caracterizar os efeitos de uma proposta de consultoria colaborativa na perspectiva dos professores do ensino público. Participaram três professores, todas do gênero feminino de uma escola da rede de ensino pública estadual do interior do Estado de São Paulo. Os professores responderam um questionário de 32 questões referentes aos temas desenvolvidos: leitura e escrita, matemática e comportamento em sala de aula, tendo que indicar se os alunos-alvo pioraram, mantiveram, melhoraram ou melhoraram muito. Nas três temáticas houve o predomínio do critério mantiveram, seguido do critério melhoraram. Os resultados foram satisfatórios, mesmo o programa sendo desenvolvido durante um tempo reduzido, pois sabe-se que para o desenvolvimento efetivo de determinados conteúdos, as atividades devem ser orientadas durante um tempo maior. No entanto, quando há atividades direcionadas às necessidades acadêmicas e comportamentais das crianças podemos observar avanços significativos.

Palavras-chave: Consultoria colaborativa. Professores. Escola pública.

Introdução

O trabalho colaborativo no contexto educacional inclusivo apresenta-se como uma direção significativa para solucionar problemas de diversas ordens relacionados ao ensino-aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE). Ele

* Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação Especial pelo Programa de Pós-Graduação- PPGGES - UFSCar; Pesquisadora Bolsista FAPESP de Pós Doutorado. E-mail: decamachado@gmail.com.

** Pós-Doutorado em Educação Especial pela University of Georgia; Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial - PPGGES - UFSCar. E-mail: ameliama@terra.com.br.

pode ser considerado uma estratégia de ação valiosa para o fortalecimento e sucesso do atendimento educacional especializado do ensino básico à educação superior.

Muitas vezes, o aluno com NEE, sobretudo aqueles que possuem alguma deficiência, necessitam de acompanhamento de diversos profissionais de áreas distintas, entre saúde e educação. Porém, muitas vezes a comunicação entre esses profissionais acaba sendo restrita e suas intervenções segregadas, não havendo um olhar totalitário sobre esse aluno.

Outra questão para refletir é a importância do contexto. Conforme menciona a Política Nacional de Educação Especial de 2008, a avaliação, classificação e intervenção sobre esse aluno devem ser individualizadas e contextualizadas no ambiente educacional, já que “considera-se que as pessoas se modificam continuamente, transformando o contexto no qual se inserem” (BRASIL, 2008, p. 9) e sendo transformadas pelos mesmos.

Portanto, no contexto escolar deve haver ações para diminuir o fracasso do aluno e colaborar para que os professores não continuem com uma visão restrita desse aluno. Encaminhamentos para especialistas de várias áreas e para profissionais especializados tornam-se necessário para apoiar o professor. Nessa perspectiva, parceiros, diante de um trabalho conjunto e colaborador devem compartilhar saberes com vista ao desenvolvimento de uma solução para o processo educacional.

Referencial Teórico

De acordo com Gargiulo (2003), existem três propostas distintas para o trabalho colaborativo no contexto educacional, sendo que eles podem envolver os educadores da escola comum e especialistas (consultoria colaborativa); o educador da escola comum e o educador especial (ensino colaborativo ou coensino) e equipes de serviços da própria escola.

No entanto um dos intuitos maiores do trabalho colaborativo seria resolver os problemas no próprio contexto escolar diminuindo assim, os encaminhamentos para especialistas extraescola. Os profissionais especializados reconhecem a necessidade do apoio ao professor e tornam-se, nessa perspectiva parceiros, diante de um trabalho

conjunto e colaborador em que tanto o consultor quanto o consultado compartilham saberes com vista ao desenvolvimento de uma solução no contexto escolar.

Portanto, a proposta de consultoria colaborativa consiste em levar o trabalho dos especialistas para dentro da escola, assim esse modelo propõe contribuir de forma salutar para, a partir de alguns problemas vivenciados pelo professor na escola, seja viável a construção de ações que potencializem o seu trabalho e atenda às necessidades do seu alunado.

Cook e Friend (1990) definem consultoria como uma interação entre dois ou mais parceiros, que juntos trabalham para tomada de decisão em direção a objetivos comuns. Para estes autores existem algumas condições para que a colaboração ocorra, dentre eles pode-se destacar: ter um objetivo comum; igualdade entre os participantes; participação de todos durante o processo; compartilhamento de responsabilidades e recursos e, por fim, entrar no processo voluntariamente.

Idol, Paullucci-Whitcomb e Nevin (2000, p. 1) definem consultoria colaborativa como: um processo interativo que habilita pessoas com diversas competências para gerar soluções criativas a fim de que mutuamente definam os problemas.

De acordo com Mendes (2006) esse modelo surgiu no final da década de 70 com a finalidade de cooperar com as dificuldades de atender as necessidades especiais apresentadas no âmbito escolar. As pesquisas aplicadas na área ainda são escassas. Mendes e Toyoda (2008) exemplificam a realização da metodologia colaborativa no relato de experiência do Projeto SOS Inclusão, caracterizado pela possibilidade de agregar vários graduandos de diversos cursos, como terapia ocupacional, fisioterapia, educação física e psicologia, prática de 16 escolas de uma cidade do interior. As intervenções ocorreram durante seis meses, com a supervisão de coordenadores aos alunos, tanto em reuniões como em visitas nas escolas. A inserção de práticas colaborativas com equipes multidisciplinares nas escolas visando o trabalho conjunto mostrou ser benéfica para professores, alunos e os futuros profissionais.

Meyer et al. (2003) apontam características do processo de consultoria para que ele ocorra de forma eficaz, sendo elas: (1) auxílio na resolução de um problema; (2) ocorre entre consultor e consultado – professor e um especialista; (3) a relação deve ser voluntária; (4) consultor e consultado compartilham metas e objetivos para resolução

de uma situação problema; e (5) o consultado deve sempre se beneficiar para que construa habilidades para futuros problemas.

Ambos, consultor e consultado, devem ter contribuições a fazer e sempre no sentido de melhorar a situação do estudante, contribuindo e colaborando num trabalho corporativo que agregue valor às necessidades do aluno e traga contribuições para as necessidades educacionais previamente clarificadas.

A colaboração é um modelo para determinar um plano e recomenda-se que seja pensado e apoiado por todos os que são envolvidos no processo (MENDES, 2008). Ela envolve interação e cooperação entre os profissionais que decidiram fazer um trabalho com metas comuns. Para tanto, torna-se fundamental, para a implementação e monitoramento do modelo colaborativo, a troca mútua e estabelecimento claro dessas metas.

O estudante é a chave do plano e determina suas modificações futuras. Na implementação do processo, todas as pessoas envolvidas, entre estudante, classe, professor, escola, pais e consultor, devem ter a compreensão do seu papel. E na determinação desses papéis, é muito importante que o consultor saiba sobre os níveis de habilidades dessas pessoas. Contando com as aptidões de cada um, e de todos, o plano colaborativo poderá ser melhor implementado e terá maior chance de sucesso.

O papel do consultor é auxiliar o professor a construir estratégias e rever as potencialidades de seus alunos para que possam, de forma efetiva, se desenvolver academicamente. Kampwirth (2003) bem destaca, porém, que no modelo colaborativo deve-se evitar a relação de dependência entre o consultado e consultor, que pode facilmente ser desenvolvido.

Meyers et al. (2003) propõe uma lista de características para o modelo colaborativo que compreende desde coordenar as condições educacionais, o envolvimento do consultado durante todo o processo e com o direito de aceitar ou recusar uma estratégia, pois a consultoria é voluntária e conjunta.

Alguns problemas podem alterar o efeito da integridade do plano de consultoria. Entre eles, pode-se destacar a dificuldade de fornecer um reforço oportuno, a impraticabilidade das atividades quando necessárias, o controle das variáveis como humor e do comportamento dos outros estudantes. Diante disso, ressalta-se, mais uma

vez, a importância do trabalho em equipe do consultor e consultado, através de projetos, assegurando questões para direcionar as metas. As tentativas de eliminar as resistências são fundamentais e deve-se estabelecer um padrão de relacionamento colaborativo.

Segundo Kampwirth (2003) a consultoria colaborativa deve ser proposta e desenvolvida em etapas, as quais são: encaminhamento, discussão inicial com o professor, observação da classe, encontro com pais, avaliação e encaminhamento dos estudantes, plano de intervenção, monitoramento da intervenção.

O **encaminhamento** deve ser realizado com o professor que necessite de auxílio com seus alunos e, para isso, o consultor deve explorar as diversas informações a respeito de toda conjuntura que envolve o aluno para inteirar-se do contexto do caso e principalmente de todos os fatores adicionais que possam auxiliar no processo de discussão durante o trabalho de consultoria.

A **discussão inicial com o professor** é extremamente importante para estabelecimento de uma relação paralela e não hierárquica com o consultor, e para utilização de estratégias que diminuam a resistência do professor e seu sentimento de fracasso como educador. Nesse primeiro contato, o consultor pode definir sobre suas necessidades primárias, focalizar o início do processo colaborativo contextualizando as possibilidades de intervenção e sucesso de algumas delas e, com disponibilidade de escuta, entender o tipo e grau de intervenção que o professor necessita.

Segue-se daí a **observação da classe**, buscando verificar os problemas, atentar-se para aspectos referentes à dinâmica do seu desenvolvimento, necessidade de encaminhamentos, visualização do método que o professor para encontrar os pontos-chaves para a interação. É interessante destacar que nos casos de dificuldades de aprendizagem a observação pode ser opcional, principalmente se o consultor conhecer como o professor trabalha o método de ensino e o que propõe o currículo. O consultor deve ter bom senso para refletir, observar e coletar os dados importantes (KAMPWIRTH, 2003).

É possível que o **encontro com os pais** aconteça antes do início da consultoria, porém é recomendado que o consultor tenha muito conhecimento da dinâmica do problema e já tenha observado pelo menos uma vez a criança. Dessa forma, terá obtido

o maior número de dados possíveis sobre as dificuldades e demanda da classe a fim de subsidiar sua interação com a família.

A **avaliação e encaminhamento dos estudantes**, quando necessárias, devem ser previstas no plano da consultoria. Para estabelecer o **plano de intervenção**, o consultor deve rever todos os outros encaminhamentos: a fala com o professor e os pais, a observação da criança e da classe, as possibilidades da discussão entre os envolvidos no processo, a avaliação funcional ou análise do diagnóstico para as dificuldades de aprendizagem e considerar as causas, os problemas e os possíveis passos para as soluções. Munido de todas as informações e tendo feito as reflexões apropriadas para cada caso, recomenda-se que o enfoque colaborativo seja realizado junto com o consultado para poder desenvolver um plano para intervenção. A partir daí, colocar em prática e **monitorar a intervenção** são as próximas etapas, sendo a última extremamente importante para redirecionar a intervenção após análise dos sucessos ou problemas (KAMPWIRTH, 2003).

Autores como Langerock (2000) e Huntington (2005), demonstraram que os pares colaborativos apresentam força positiva quando aceitam a proposta, e para tal, sugerem categorias de intervenção e situações em classe, tais como ajustamento acadêmico; monitoramento; reforço positivo; clarificação do trabalho para o aluno; promoção de assistência imediata; aumento da comunicação com os pais; reestruturação da interação entre os pares e clarificação das tarefas e as expectativas pelo professor.

Em contrapartida, Huxahm e Beech (2000) fornecem outras diretrizes para selecionar as intervenções, tais como: escolher as intervenções menos complexas e apoiar-se nas que já existem; propor intervenções que requerem menos tempo; ter foco na intervenção e se necessário promover mudanças possíveis.

Dessa forma, a efetividade da consultoria está associada, portanto, ao relacionamento e acordo de consultor e consultado, na crença dos envolvidos em relação ao plano estabelecido e desempenho de cada um na sua realização.

Nessa perspectiva, as dificuldades acentuadas de aprendizagem relacionadas à leitura, escrita e matemática têm sido de grande interesse para a Educação Especial porque problemas nessa área podem afetar a inclusão social e, conseqüentemente, produzir um impacto negativo no aluno e no seu senso de autoeficácia. Tais aspectos

podem produzir um grande impacto negativo no desempenho escolar ocasionando dificuldades de aprendizagem (ESTEVANATO et al. 2003; ANACHE, 2008).

Jacob e Loureiro (1996) e Jesus (2008) salientam que o fato da criança apresentar dificuldade de aprendizagem não pode ser considerado um problema isolado, tendo em vista que o fracasso escolar interfere no desenvolvimento afetivo e compromete processos intrapsíquicos, relacionados à formação da personalidade da criança, acarretando também problemas afetivos, como já foram mencionados. Por isso, é necessário proporcionar cuidados especiais a essa criança.

O presente trabalho objetivou caracterizar os efeitos de uma proposta de consultoria colaborativa na perspectiva dos professores do ensino público por meio de um protocolo respondido pelos mesmos, após a aplicação do programa.

Metodologia

Participaram desse estudo quatro professores, todos ministrantes do 4º Ano, da rede pública municipal de uma escola de médio porte do interior do Estado de São Paulo de ambos os gêneros, com idades entre 36 e 60 anos e com mais de cinco anos de atuação. Em relação à formação profissional, todos possuem graduação em Pedagogia e dois além da Graduação também possuem pós-graduação em Psicopedagogia. Os professores incluídos neste estudo foram aquelas que concordaram voluntariamente em participar da pesquisa no horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC).

A verificação do conhecimento das professoras sobre o conceito de a consultoria colaborativa deu-se através de um questionário, elaborado a partir da revisão de literatura sobre o tema. O questionário continha 32 questões fechadas, com respostas em nível de escala: 1- Piorou muito, 2- Piorou; 3- Manteve; 4- Melhorou; 5- Melhorou muito. O conteúdo das questões é mostrado junto à descrição dos resultados. Foram realizadas análises descritivas das respostas. Também está descrito nos resultados a percepção dos professores após a consultoria, cujos resultados foram analisados de acordo com a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1998).

Procedimento

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa para Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos nas exigências contidas na Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde com o protocolo número CAAE – 4246.0.000.135-10 sob o Número 414/2010.

Inicialmente, foi encaminhada uma carta, acompanhada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido à Secretaria Municipal de Educação, para declarar a intenção da pesquisa, informar sobre os procedimentos e objetivos e solicitar a autorização para seu desenvolvimento. Previamente a coleta de dados, os pais dos alunos e as professoras participantes também foram informados, por meio de explicação pormenorizada, sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, método, benefícios previsto, e incômodo que, por ventura, poderia acarretar e, por conseguinte foram assinados os termos de consentimento e autorizações para a participação da pesquisa. Após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido dos responsáveis pelos os alunos a pesquisa foi iniciada.

A intervenção baseada na consultoria colaborativa envolveu o estabelecimento de uma parceria com apoio sistemático do professor de ensino especial (pesquisadora), juntamente com o professor de ensino regular (professoras participantes), em alguns dias da semana, além de atividades extraclasse de planejamento, reflexão sobre a prática, reuniões com familiares e estudo dirigidos.

No entanto, neste estudo está descrito a realização de algumas temáticas desenvolvidas em cada programa realizado em sala de aula pelas professoras participantes, os quais estão elencados abaixo:

1) Programa de leitura e escrita

Neste programa foram enfatizadas atividades relacionadas à consciência fonológica, trabalhando com atividades de manipulação silábica, tarefas envolvendo habilidades metalinguísticas como: atividade de aliteração e rima de palavras. Também houve o trabalho com leitura, no qual foi enfatizada identificação de letras (sons), exercícios de palavras isoladas (curtas, longas, regulares, irregulares, reais e pseudopalavras), estrutura sintática, sinais de pontuação, compreensão de orações e de

textos. Nas tarefas de escrita foram dadas atividades de ditados de palavras reais e pseudopalavras e produção escrita.

2) Programa de matemática

Houve nas tarefas de matemática a ênfase em resoluções de problemas orais e com enunciado escrito; cálculo mental referente às quatro operações aritméticas e também tarefas de análise de gráficos com levantamento de dados simples e atividade de medidas.

3) Programa de manejo de comportamento em sala de aula

Foram enfatizadas algumas tarefas relacionadas ao comportamento relacionado ao desempenho acadêmico como: seguir regras ou instruções orais, aguardar a vez para falar, orientar-se para tarefa ignorando ruídos de colegas, atender pedidos, participar de discussões da classe.

A percepção dos professores sobre a consultoria prestada foi coletada em um encontro após o término do projeto por meio de uma pergunta aberta: Descreva no espaço abaixo os pontos positivos e negativos da consultoria prestada na sua escola. Seus dados foram analisados por temáticas de acordo Bardin (1998).

Resultado

Os resultados das respostas dos professores estão analisados por temáticas divididas em três quadros referentes às questões do protocolo envolvendo: leitura e escrita, matemática e manejo de comportamento em sala de aula.

No Quadro 1 observa-se questões vinculadas à temática de leitura em escrita. De um modo geral, na opinião dos professores, os seus alunos-alvo mantiveram seus conceitos sobre essa temática. No entanto, podemos ressaltar que houve um melhora em algumas tarefas específicas como: leitura de frases, inversão da ordem das letras e separação de sílabas.

As tarefas anteriormente citadas foram enfatizadas mais vezes, pois são elementos destacados na maioria das tarefas, as quais seguiram um nível gradativo de dificuldade. O restante das tarefas podem ter sofrido um prejuízo devido ao tempo que foi despendido ao programa, ou seja, uma duração de um mês e meio, pois tarefas

referentes à compreensão de textos, complementação de frases, por exemplo necessitam de mais tempo para serem efetivamente assimilados.

De acordo com Carvalho (2008) todo trabalho inclusivo deve ser compartilhado a construir novas propostas educativas a partir da análise do que dificulta ou facilita a aprendizagem e a participação dos alunos.

Nessa direção, o planejamento para esse tipo de proposta de trabalho necessita de um tempo maior de execução e desenvolvimento.

Quadro 1 - Tarefas referentes ao desempenho em leitura e escrita dos alunos-alvo na opinião dos professores participantes

Desempenho	P1		P2		P3		P4	
	Ma		Ma	Ma	Ma	Ma		
Vocabulário	Ma		Ma	Ma		Ma		
Expressão das ideias (oralmente)	Ma		Ma	Ma		Ma		
Contagem de histórias e narração de fatos	Ma		Ma	Ma		Ma		
Atitude de correção	Ma		Ma	Ma		Ma		
Letra	Ma		Ma	Ma		Ma		
Distribuição do texto no papel	Ma		Ma	Ma		Ma		
Capacidade de contar história em sequência de começo, meio e fim	Ma		Ma	Ma		Ma		
Produção textual – (redação)	Ma		Ma	Ma		Ma		
Troca de sílabas	Ma		Ma		Me			Mem
Troca de letras	Ma		Ma		Me			Mem
Apagamento de sílabas na palavra	Ma		Ma		Me		Me	
Apagamento de letras na palavra		Me	Ma		Me		Me	
Leitura de palavras isoladas		Me			Me	Ma		
Leitura de frases	Ma		Ma	Ma		Ma		
Inversão da ordem das letras		Me			Me	Ma		
Separação sílabas		Me			Me	Ma		
Complementação de sentenças inacabadas	Ma		Ma			Ma		
Soletração		Me	Ma		Me	Ma		
Compreensão sobre o que leu	Ma		Ma			Ma		

Planejamento e estruturação das ideias para escrever um texto	Ma			Ma			Ma		
---	----	--	--	----	--	--	----	--	--

Legenda: Pim – Piorou muito; Pi – Piorou; Ma – Manteve; Me – Melhorou; Mem – Melhorou muito.

Fonte: As autoras (2012).

No Quadro 2 verifica-se que em algumas tarefas na perspectiva dos professores, os alunos-alvo pioraram e em uma tarefa melhoram, embora mantiveram alguns conteúdos também.

Observa-se que P1 e P3 indicaram que nas tarefas de raciocínio lógico houve uma proporção maior de defasagem dos conteúdos, o que aconteceu também com as tarefas de inversão de número na escrita e resolução de problemas. Já os profissionais P2 e P4 registraram que seus alunos mantiveram todos os conteúdos matemáticos elencados no protocolo.

Podemos hipotetizar que tais conteúdos ainda não estavam assimilados efetivamente a ponto dos alunos resolverem atividades abstratas. Nesse caso, enfatizamos o fator “tempo”, ou seja, a duração do programa inferior à necessidade do desenvolvimento de tais conteúdos matemáticos.

Tais achados corroboram o estudo de Kampwirth (2003) que enfatiza verificar os problemas de gerenciamento de tempo e, atentar-se para aspectos referentes à dinâmica do desenvolvimento da sala de aula e do aluno nela incluído, tornam-se essenciais para a visualização do método que o professor pode desenvolver.

No Quadro 3 verifica-se que nas questões relacionadas ao manejo de comportamento em sala de aula as tarefas de uma forma geral melhoraram e algumas melhoraram muito segundo os professores participantes. As ações de fixação para o conteúdo e o recebimento de comando de acordo com os professores, respectivamente, P2, P3 e P4 podem ser destacadas entre as demais tarefas visualizadas recebendo indicação do critério melhoram muito. As outras tarefas receberam apontamentos bastante semelhantes como, por exemplo, no nível de critério, manteve. Somente o professor um – P1 apontou o critério melhoraram para as mesmas tarefas.

Tal resultado pode ser relacionado às dinâmicas desenvolvidas tanto nos encontros com as professoras, como nas atividades que as mesmas desenvolveram em sala de aula.

Os achados dessa pesquisa vêm ao encontro com o estudo de Huxahm e Beech (2000) que afirmam a necessidade de selecionar intervenções, tais como: escolher as menos complexas e apoiar-se nas que já existem; propor intervenções de comportamento que requerem menos tempo; ter foco na intervenção e se necessário promover mudanças possíveis.

No entanto, de uma forma geral o programa de consultoria colaborativa em questão obteve resultados satisfatório sendo o protocolo, um instrumento relevante para captar a opinião dos professores em relação aos seus alunos com dificuldades acadêmicas e comportamentais.

Quadro 2 - Tarefas referentes ao desempenho em matemática dos alunos-alvo na opinião dos professores participantes

Desempenho	P1		P2		P3		P4	
Raciocínio Lógico	Pi			Ma	Pi			Ma
Inversão de números na escrita	Pi			Ma	Pi			Ma
Memorização da tabuada		Ma		Ma		Ma		Ma
Domínio das operações		Ma		Ma		Ma		Ma
Resolução de problemas	Pi			Ma	Pi			Ma
Fixação dos conceitos matemáticos		Ma		Ma		Ma		Ma

Legenda: Pim – Piorou muito; Pi – Piorou; Ma – Manteve; Me – Melhorou; Mem – Melhorou muito.
Fonte: As autoras (2012).

Quadro 3 - Tarefas referentes ao desempenho do comportamento dos alunos-alvo na opinião dos professores participante

Desempenho no Comportamento	P1		P2		P3		P4	
Motivação para estudar	Ma		Ma		Ma		Ma	
Fixação para o conteúdo		Me		Me		Me		Me m
Organização para trabalho escolar	Ma		Ma		Ma		Ma	
Realização das tarefas escolares (dever de casa)	Ma		Ma		Ma		Ma	

Recebimento de comandos		Me			Me			Me			Me m
Tomadas de decisões	Ma		Ma			Ma			Ma		

Legenda: Pim – Piorou muito; Pi – Piorou; Ma – Manteve; Me – Melhorou; Mem – Melhorou muito.

Fonte: As autoras (2012).

Na perspectiva dos professores o programa de consultoria colaborativa segundo a pergunta aberta demonstrou que todos eles acharam de caráter relevante desenvolver programas de auxílio aos professores que, por ventura, tenham em sua sala de aula, crianças com dificuldades acadêmicas e comportamentais.

Nessa perspectiva foram desenvolvidas três categorias para essa análise: Atuação do professor em sala de aula; reflexão sobre sua prática; extensão do programa.

Como por exemplo, explicitado na resposta a seguir do professor P1 sobre a categoria atuação em sala de aula:

“Eu acho que a consultoria ajudou em muitos aspectos, principalmente, de como agir em determinadas situações na sala de aula”.

Já na categoria relacionada à reflexão da prática podemos constatar a opinião do professor P2:

“Minha prática após a consultoria colaborativa tomou outra direção, pois aprendemos novos conceitos”.

No entanto, na categoria extensão do programa observamos que P1, P2 e P3 salientaram essa vertente, cuja descrição encontra-se a seguir:

“Gostaria que o programa tivesse mais tempo”. (P1)

“O programa poderia ser mais longo para nos ajudar mais”. (P2)

“Para que houvesse mais aproveitamento o programa poderia continuar”. (P3)

Considerações Finais

Houve nas três temáticas o predomínio do critério: *mantiveram* seguido do critério-melhoraram. Nesta perspectiva, considera-se salutar promover trabalhos mais extensos

que levem até os bancos escolares a proposta da consultoria colaborativa, importante para o exercício contínuo de sala de aula, maximizando as potencialidades de cada criança e atendendo as suas diversidades.

Portanto, profissionais da educação têm que estar habilitados a identificar as crianças de risco para dificuldades em aprender, orientar os familiares. Um fator fundamental é a possibilidade de melhora das situações de desvantagem na aprendizagem desde que estratégias oportunas e adequadas sejam executadas precocemente. Tais dificuldades podem ser potencialmente compensadas e, até, superadas.

Nessa direção, a consultoria colaborativa mostrou-se um caminho promissor para assegurar as necessidades dos professores perante sua atuação em sala de aula, bem como estreitar vínculos e firmar parcerias entre os professores regulares e o profissional de educação especial.

Referências

ANACHE, A. A. Perspectivas sobre avaliação educacional e deficiência mental severa. In: ALMEIDA, M. A.; MENDES, E. G.; HAYASHI, M. C. P. I. (Org.). *Temas em Educação Especial: conhecimento para fundamentar a prática*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2008. p. 450-471.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Porto: Edições 70, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/potilicaeducespecial.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2009.

CARVALHO, R. E. *Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008. 152 p.

COOK, L.; FRIEND, M. Collaboration as a predictor for success in reform. *Journal of education and psychological consultation*, [S. l.], n. 1, p. 69-86, 1990.

ESTEVANATO, I. S. Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. *Psicologia em Estudo*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 67-76, 2003.

GARGIULO, R. M. *Education on contemporary society: an introduction to exceptionality*. Thomson Learning: United Station, 2003.

HUNTINGTON, B. A study of collaborative competencies for regular and special educators. [S. l.], 2005. Disponível em: <<http://www.ssta.sk.ca/research/students/91-09.htm>>. Acesso em: 10 set. 2009.

HUXHAM, C.; BEECH, N. Contrary prescriptions: recognizing good practice tensions in management. *Organization Studies*. [S. l.], v. 24, n. 1, p. 69-93, 2000.

IDOL, L.; PAOLUCCI-WHITCOMB, P.; NEVIN, A. *Collaborative consultation*. Austin, TX: pro-Ed, 2000.

JACOB, A. V.; LOUREIRO, S. R. Desenvolvimento afetivo: o processo de aprendizagem e o atraso escolar. *Paidéia*, Ribeirão Preto, fev./ago. 1996.

JESUS, D. M. de. Formação de professores para a inclusão escolar: instituindo um lugar de conhecimento. In: ALMEIDA, M. A.; MENDES, E. G.; HAYASHI, M. C. P. I. (Org.). *Temas em Educação Especial: conhecimento para fundamentar a prática*. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES-PROESP. 2008, p. 75-82.

KAWPWIRTH, T. J. *Collaborative consultation in the schools: effective practices for students with learning and behavior problems*. New Jersey: Merrill Prentice Hall, 2003.

LANGEROCK, N. L. Collaboration in an inclusive classroom: A passion for action research. *Teaching Exceptional Children*, v. 33, n. 2, p. 26-32, 2000.

MENDES, E. G. Colaboração entre ensino regular e especial: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar. In: MANZINI, E. J. *Inclusão e Acessibilidade*. Marília: ABPEE, 2006. p. 29-41.

MENDES, E. G.; TOYODA, C. Y. Projeto S. O. S. Inclusão: consultoria colaborativa para favorecer a inclusão escolar num sistema educacional municipal. In: DECHICHI, C. et al. *Inclusão escolar e educação especial: teoria e prática na diversidade*. Uberlândia, EDUFU, 2008. p. 97-112.

MEYERS, B. et al. Implementing prereferral intervention teams as an approach to school-based consultation in an urban school system. In: KAMPWIRTH, T. J. *Collaborative Consultation in the schools: effective practices for students with learning and behavior problems*. New Jersey: Merril Prentice Hall, 2003. cap. 2.

Recebido em: 18/09/2012

Aceito para publicação em: 12/11/2014

Effects of a Collaborative Consulting Proposition in the Teachers' Perspective

Abstract

The goal of this study was to characterize the effects of a proposed collaborative consulting in public school teachers' perspective. Three female teachers of a public school education system in São Paulo participated. The teachers responded a questionnaire of 32 questions pertaining to the developed themes: reading and writing, mathematics, classroom behavior, and also indicating whether target students got worse, maintained, improved or vastly improved. In the three thematic criterion maintained followed the criterion improved prevailed. The results were satisfactory, even though the program was developed during a shorter period of time since it is known that for the effective development of certain contents, activities should be set out over a longer period. However, significant advancements were observed when there are activities directed at children's academic and behavioral needs.

Keywords: Collaborative consulting; Teachers; Public school.

Efectos de una Propuesta de Consultoría Colaborativa según Perspectiva de los Profesores

Resumen

Este estudio tiene por objeto caracterizar los efectos de una propuesta de consultoría colaborativa según la perspectiva de profesores de la enseñanza pública. Participaron tres profesoras de una escuela pública provincial del interior de San Pablo - Brasil. Ellas respondieron un cuestionario de 32 preguntas sobre los siguientes temas: lectura y escritura, matemáticas y conducta dentro del aula. También debía constar si los alumnos analizados empeoraron, mantuvieron el nivel alcanzado, mejoraron o mejoraron mucho. En las tres temáticas predominó el criterio mantuvieron el nivel alcanzado, seguido del criterio mejoraron. Los resultados fueron satisfactorios, aunque el desarrollo del programa duró poco tiempo. Sabemos que para un buen desarrollo de contenido es necesario un tiempo mayor para el análisis de las actividades y sus

resultados. De todas maneras, cuando hay actividades dirigidas a las necesidades académicas y comportamentales de los niños se pueden observar avances significativos.

Palabras clave: Consultoría colaborativa. Profesores. Escuela pública.